

# e, Depois da Escola...

ANTÓNIO ROQUETTE FERRO

NUM caderno «Destacável» dedicado ao «Design», é sobre este tema que nós iremos especificamente debruçar. Em Portugal, País virado para a Europa, os nossos «designers» vão vêem, paradoxalmente, a sua profissão reconhecida. Muitos deles, como alternativa final, viram-se para o ensino. Os «designers» são formados em escolas que lhes dão, no campo pedagógico, as bases suficientes para exercer — e bem — a sua profissão.

Uma escola vive de e para os seus alunos. Seria inconcebível qualquer estabelecimento de ensino sem a sua participação. São eles, de facto, a razão deste artigo, e para eles a nossa homenagem e dedicação.

Nesta minha primeira intervenção no jornal TEMPO, e após aprofundada ponderação decidi, embora correndo o risco de ser considerado demagógico, virar-me essencialmente para eles.

E um dos principais, será o fundamental objectivo deste suplemento, a sensibilização dos nossos Empresários e Industriais e da Opinião Pública, no sentido de reconhecerem às inesgotáveis capacidades dos nossos «novos designers».

Não farei, propositadamente, a apologia que considero completamente ultrapassada das potencialidades

dos nossos jovens mas, pelo contrário, do seu «querer» ser profissionais, e que terão irreversivelmente de ser reconhecidos como tais.

«Apreço-se em Portugal o que se faz pelos jovens. Esquecem-nos que estes a partir do momento em que começam a trabalhar e a ler

de responder perante terceiros, deixam de o ser. As obrigações e as responsabilidades aparecem, e aí o jovem é esquecido para aparecer o bom ou o mau profissional.

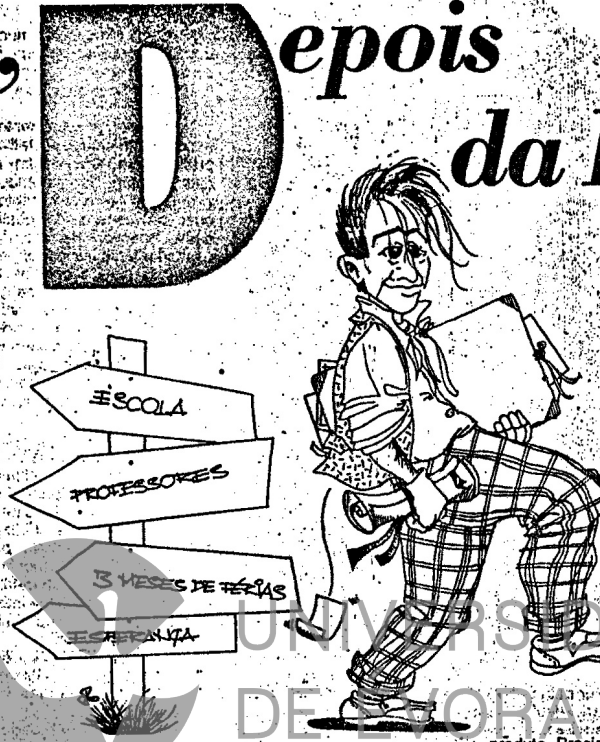
Nenhuma empresa, nenhum patrão, nenhum industrial perdoa um mau serviço.

é porque este foi executado por um inexperiente. Não tenhamos ilusões.

Chegamos então ao fulcro do problema. Como ajudar de facto os jovens? E por mais voites que demos, a conclusão será sempre esta: as escolas.

Qual é, portanto, o papel das escolas? Qual deveria ser, de facto, a sua actualização?

Baseando-me sempre no mundo do «design», em que os estrangeiros são preferidos aos nacionais, julgamos, nós, IADE, poder contribuir para suavizar os seus problemas. Consideramos que, paralelamente, aos conheci-



Ilustrações: João Paulo Espírito Santo

mentos curriculares aqui adquiridos há, de facto, um segundo papel a desempenhar: o acompanhamento dos nossos alunos e diplomados.

As escolas, cada vez mais, têm de alargar os seus parâmetros. Colocar os alunos perante experiências concretas e vivas do quotidiano empresarial.

Um aluno numa escola de «design», tem ao longo do seu curso de amealhar o maior número possível de experiências e contactos; tem de conseguir «curriculum»; tem de se aperceber das dificuldades, e ir conhecendo a realidade empresarial onde, amanhã, se vai inserir.

Não basta ensinar «design». Devemos facultar aos nossos alunos os conhecimentos necessários para serem capazes de demonstrar ao industrial que são peças fundamentais para o sucesso e rentabilidade da sua empresa. O diplomado em «design», quando aparece em determinada empresa, tem de ir mundo de argumentação suficiente para demonstrar cientificamente que, recorrendo aos seus serviços, a sua empresa vai vender mais.

Ele não vai pedir emprego. Antes vai provar que a sua inclusão é natural e faz parte do organigrama de qualquer empresa moderna e altamente profissionalizada.

Concretamente falando, tudo isto não é fácil. Por um lado, escuso-me de enumerar as razões sobremaneira conhecidas. Por outro, reconheço que o recém-diplomado, pela sua condição etária de ser jovem, não pode reunir em si a «endurance» suficiente para se

«bater» com certos profissionais do conservadorismo, da dialéctica egocêntrica, ou mesmo dos novos «estrangeirados».

Muitos dos nossos alunos não se apercebem que, quando diplomados, não ganham força. Perdem-na. Habitados que estavam durante anos a suportarem-se nos colegas, nos professores, nos amigos, vêem-se sós de um dia para o outro. E as escolas não os podem deixar isolados.

Que fazer então?

O diplomado em «design» tem de se mantelizar que tem produto para vender, para ser integrado. Por direito adquirido, como profissional na sociedade. O seu produto é o diploma. Como consegue ele, em termos práticos, realizar, descodificar junto da empresa para que pretenda trabalhar aquilo que de facto aprendeu? Como conseguir os contactos?

Mas será esta a empresa exacta? São estas as perguntas dos nossos «Jovens Designers».

Muitos dos nossos recém-diplomados seguem duas opções, que embora aparentemente pareçam fáceis e eficazes, acabam por ser complicadas e mal sucedidas. «Cunhas» e anúncios no jornal.

No IADE pensamos que este processo está errado e completamente ultrapassado.

As cunhas funcionam perigosamente e podem virar-se contra o próximo utente e entidade promotora; os anúncios não são criteriosos e não «deixam», regra geral, que o jovem «explique» exactamente aquilo que sabe e pode fazer. Mas o jovem «designer» tem de vender o seu

produto. Precisa, na maioria, se não na totalidade dos casos, de uma empresa que o apoie e que compre o seu trabalho.

Chegámos enfim ao papel das escolas. Este não pode acabar no final de cada curso. Antes pelo contrário. «Follow up» é uma terminologia inglesa que traduz evolução na actividade de actualização. Devemos redobrar esforços e prestar toda a colaboração aqueles que em nós se apoiaram, aqueles que em nós e na profissão acreditaram.

Nós demos-lhe uma arma para a vida. Eles não sabem onde e como utilizá-la.

O campo de batalha espere-os, indiferentes às suas evidentes, e naturais limitações.

Eles têm os olhos tapados. Temos de lhes tirar a venda antes de darem o passo definitivo.

Então o que devem fazer? Que podem as escolas fazer? Sensibilização. Profissionalismo. Realismo. Enquadramento profissional.

Durante o período de tempo em que o aluno está conosco, temos de o conhecer. Através de inquéritos realizados juntos dos finalistas visamos detectar a sua situação geográfica, tendências profissionais preferidas, classificações, esquemas de trabalho pretendidos e tipo de empresas predominantes.

Paralelamente, incentivamos várias vivências diárias, vontade de trabalhar, e capacidade de colaboração ajudamos a compartimentá-los, visando um fim que é comum a todos: enquadramento profissional.

A escola tem de continuar a trabalhar. Com estes elementos e em função dar respostas aos referidos inquéritos, elaborar um «Mailing de Empresas»,

«atellers», para onde seguir cartas de sensibilização.

Nestas cartas damos a conhecer o «design». Surgimos colaboração com a escola. Anunciamos que seleccionaremos entre os nossos alunos ou diplomados um que preencherá eficazmente as lacunas em cada caso particular.

Optámos pelo «Direct Mail». Eficaz. Personalizado. Seleccionado. «Feed back» previsível e calculado.

Sugerimos também concursos entre a nossa população escolar no sentido de colocar os nossos alunos perante casos concretos e actuals.

Contudo, o trabalho das escolas deve continuar. Como: ajudando os nossos diplomados a elaborar currículos. Orientando as cartas/respostas; preparando-os para as entrevistas que irão ter; fornecendo-lhes todos os elementos disponíveis das empresas empregadoras, entre outros.

E chegámos finalmente ao derradeiro passo. Consideramos ainda que as escolas, através de elementos internamente seleccionados, devem acompanhar os recém-diplomados quando da entrevista para o primeiro emprego. E, porquê? Dando sequência a todo o trabalho, antes referido, ajudamos o nosso diploma a descodificar aquilo que na escola aprendeu. Colocamo-nos ao lado dele, quando do seu primeiro emprego. Fechamos o ciclo e assim orgulhamos-nos de ser escola.

Tudo isto não é difícil, sendo realizado em trabalho de equipa, em que todos colaboram e num espírito de interajuda constante e progressiva.

Deliberadamente, não falei de estrutura interna e organização do IADE. Lancei algumas «deixas» do que se pode fazer pelos jovens em Portugal, não por serem jovens mas sim porque com estes neoprofissionais que de facto «querem», vale a pena acompanhá-los e revelar a sua criatividade.

Table with 31 rows and 1 column, likely a calendar or index.

Mercado de Trabalho